

IMAGENS TÉCNICAS E PRODUÇÃO DE MEMÓRIA

TECHNIC IMAGES AND MEMORY PRODUCTION

Francisco Ramos de FARIAS¹

Resumo: Trata-se da construção de memória em uma comunidade do Rio de Janeiro, mediante solicitação de uma mãe por medidas sobre a contenção da violência, para evitar o ingresso de crianças no narcotráfico e na prostituição. Propôs-se um planejamento com estratégias de intervenção em reuniões semanais, com grupos de voluntários da comunidade. Fez-se o registro das reuniões para servir como objeto de discussão. Esses registros eram lidos no início da reunião e todos os integrantes tinham a liberdade de se expressarem face ao conteúdo apresentado. Pela colaboração de um deles que possui uma máquina filmadora, seguiu-se um registro em imagens. Com isso, construiu-se uma modalidade de olhar-escuta, além da documentação escrita, visando à produção de subjetividade, considerando o cenário atual, atravessado pela efemeridade que confere à experiência o caráter fragmentário e fugidio. Os instrumentos (palavra e imagem técnica) constituíram-se importantes na mediação da experiência produtora de saber e de transformação subjetiva.

Palavras-chave: Subjetividade. Memória social. Imagem técnica.

Abstract: This work concerns the construction of memories in a community of Rio de Janeiro, in response to the request of a mother for measures regarding the restraint of violence, to avoid children entering prostitution and narcotic traffic. A plan was proposed, with intervening strategies with weekly meetings with groups of voluntary members of the community. Register of the meetings were made in order to serve as discussion object. These registers were read at the beginning of the meeting and all participants had the liberty to express themselves with regard to the contents presented. By collaboration of one of the members who possessed a cine camera, a register of images took place. Hence, the construction of a see-listen mode was established, besides the written documentation, aiming at the production of subjectivity, considering the present scenario, crossed by an ephemeral condition that confers to experience a fragmentary and fugitive character. The instruments (word and technical image) became important in the mediation of the knowledge production experience and the subjective transformation.

Key words: Subjectivity. Social memory. Technical image.

¹ Doutor em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas, pesquisador no campo da Memória Social, da Violência, da Psicopatologia e da Criminalidade. Autor do livro: Por que, afinal, matamos? publicado em 2010 pela Editora 7Letras.

INTRODUÇÃO

Os grandes centros urbanos são, na atualidade, alvo de muitas preocupações, principalmente, em relação às dificuldades enfrentadas pelo homem no seu viver cotidiano. Narcotráfico, ambiente de incidência do crime, prostituição infantil e utilização do trabalho de crianças são algumas das questões que atravessam o cotidiano daqueles que vivem em um espaço urbano onde a violência se destaca como principal ocorrência a preencher as páginas de jornais, revistas e ocupar grandes espaços nos jornais televisivos. Todos aqueles que habitam uma grande cidade são afetados por tais circunstâncias, de modo a serem diretamente convocados a responder, tanto em forma de ações devastadoras, quanto pela construção de memória e divulgação de saber. No cenário da contemporaneidade, a memória é concebida em razão dos paradigmas que caracterizam a nossa época, em função da necessidade de conservação dos patrimônios culturais, monumentos e tradições e, em relação à efemeridade e ao descarte que reduzem significativamente o tempo de elaboração e transmissão da experiência. Porém, é preciso positivar a situação em que se vive para construir, por mínimo que seja filigranas de memória. Em um mundo volátil, cuja característica das coisas é a transitoriedade, faz-se necessário o confronto com situações fragmentárias. Isso parece ser o grande paradoxo que pode ser considerado para explicar a necessidade de construção de inúmeros lugares de memória, bem como um processo de conservação de todo e qualquer objeto ou artefato. Eis o que assinala Huysen (2000) quando tematiza a questão de que, no mundo atual, estamos vivendo uma espécie de inflação de lugares de memória, ou seja, as questões concernentes à memória tornaram-se a principal fonte de preocupação cultural e política no ocidente. Teríamos, provavelmente, nessa empreitada a tentativa de recompensar o “caráter fragmentário, efêmero e fugidio da memória diante da multiplicidade de sentidos e das distintas formas de representações” (FARIAS, 2011, p. 7). Sendo assim, a memória é o processo de fundamental importância no contexto das relações sociais que concerne à transmissão dos legados culturais e às invenções no âmbito da experiência. Por esse prisma, considerando essa última vertente, ocupamo-nos dessa problemática, no sentido de produzir reflexões.

O ponto de partida foi a divulgação dos resultados de uma investigação sobre a criminalidade, em um programa da Rede Brasil de Televisão em um debate. Dias depois fui interpelado por uma moradora de uma comunidade para fornecer soluções a determinadas dificuldades enfrentadas na educação de três de seus netos adolescentes. Esta senhora alimentava a esperança da existência de medidas para a contenção da violência a qual os moradores dessas localidades, muitas vezes abandonadas pelo poder público, estão expostos. Também buscava recursos para evitar o ingresso de seus netos no narcotráfico e na

prostituição, uma vez que, nas comunidades de baixo poder aquisitivo, não é muito raro, as crianças serem cooptadas por facções criminosas e utilizadas para seus “serviços”. Diante de tal circunstância, sugeri a essa senhora que seria mais produtivo reunir pessoas interessadas, como ela, e realizar a intervenção em grupo, o que prontamente foi aceito. Daí então propus um planejamento com estratégias de intervenção que visavam, primeiramente, esclarecer os passos do desenvolvimento psíquico, no sentido de os moradores daquela comunidade pudessem construir ideias sobre a educação da criança e também sobre a formação do cidadão a partir do legado que, na condição de construção de memória, é transmitido na comunidade. Sabe-se que a experiência cotidianas das pessoas em uma comunidade são marcadas pela solidariedade, mas conforme assinala Costa (2008, p. 40) “um dos aspectos essenciais para a consolidação de comunidades pessoais ou redes sociais é, sem dúvida, o sentimento de confiança mútua que precisa existir, em maior ou menor escala, entre as pessoas.” Utilizamos essa ideia como uma guia no sentido de intervir juntamente com as pessoas nessa comunidade. A partir das transformações decorrentes das intervenções, produziu-se uma modalidade de consciência crítica acerca da responsabilidade coletiva de cada um engajado em um dado projeto social, tentando positivar as condições negativas da situação e do próprio local, mas com devido cuidado de evitar qualquer tipo de postura vitimizante, redentorista e assistencialista. As intervenções semanais aconteciam em um terreno baldio, cujo dono deixou aos cuidados de uma família, temendo a invasão e apropriação, o que não surtiu efeito, pois uma das “figuras de poder” de uma facção criminosa da comunidade determinou que aquele seria um espaço de reuniões e de atividades festivas. Para tanto, propiciou uma reforma com uma parte coberta e a colocação de um piso. As reuniões semanais, com grupo de até trinta pessoas, além do caráter informativo, tinham como objetivo propiciar aos participantes certa visibilidade pela possibilidade de construção de arranjos subjetivos em um processo de interação contínua, fundamentada em aspectos de cunho político. Era também dada aos participantes, a oportunidade de expressarem suas ideias sobre as questões apresentadas como impasses, considerados insolúveis. Nesse primeiro momento, adotou-se a metodologia de realização de registro escrito das reuniões para servir como objeto de discussão e memória do acontecimento. O registro de uma reunião era lido no início da reunião seguinte e todos os integrantes tinham a liberdade de se expressarem face ao conteúdo apresentado, tecendo comentários, seja sobre si mesmos, seja sobre os demais. Pela colaboração de um deles, que possui uma filmadora, seguiu-se um registro em imagens, sendo que, doravante, não se procedeu mais o registro escrito. Decorrente dessa mudança de estratégia, construiu-se uma modalidade de olhar-escuta, que configurou o segundo momento da intervenção, visando à produção de arranjos subjetivos em termos de alteridade, considerando o cenário atual, atravessado pela efemeridade que confere à experiência o caráter fragmentário e fugidio. É

importante salientar que essa modalidade de registro possibilitada pela ação espontânea de um morador pode ser considerada como um processor de inovação tecnológica que “tem necessidade de uma arqueologia industrial, não para legitimar-se, mas para devolver a sociedade uma forte imagem de sua lógica e de sua necessidade” (JEUDY, 1990, p. 47). Com isso formalizamos um contexto político nessa comunidade onde se inscreve uma estratégia cultural de construção ou restituição dos aspectos subjetivos que não aparecem em função de determinadas circunstâncias de vida, mediante um tipo de organização em que o sujeito comparece como autor de suas ações, tendo responsabilidade coparticipativa no processo de transformações das condições às quais é submetido e na transmissão de valores e tradições. Nesse sentido, destacamos a importância dessa experiência, visto que “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (CANDAU, 2011, p. 118). Os instrumentos palavra e imagem técnica constituíram-se importantes na mediação da experiência produtora de saber, de construção de conhecimento e de transformação subjetiva. No tocante à imagem é importante salientar que estamos diante de um suporte privilegiado para a construção da memória, ou seja, a imagem pode ser, segundo Soubeyroux (2003, p. 11) “o esforço da memória que procura traços e sentimentos que pertencem ao passado”. A imagem associada à palavra constituiu uma modalidade de produção de arranjos subjetivos considerando a coparticipação recíproca dos participantes.

A experiência de videogravação acompanhada de diálogos possibilitou visibilidade de cada um o que concorreu para a construção de trocas coletivas, e resultou na formulação de um projeto para a comunidade a ser executado pelos participantes. A execução desse projeto foi planejada a partir do olhar crítico do pesquisador, no sentido de apontar as possibilidades de transformações subjetivas, priorizando o respeito à alteridade, mediante a constituição de um espaço de voz e de ação aos participantes. Situações que podiam ser mudadas e que passavam despercebidas eram objeto de discussão. Com isso questionou-se o foco de responsabilidade até então projetado exclusivamente nas entidades governamentais. Para tanto, a cegueira de cada um sobre suas reais potencialidades e possibilidades sequer era trazida à baila. Com isso, a principal meta do processo interventivo consistiu em mobilizar os participantes quanto a um estado de “impotência” muitas vezes difundido como um beco sem saída e que neutraliza, quase por completo, a iniciativa de ações transformadoras. Não queremos admitir com isso a inexistência de situações do viver cotidiano em relação às quais as opções do sujeito são bastante reduzidas no que concerne à produção de soluções. As atividades iniciaram-se com um número reduzido de mães e avós (doze no total). Mas, devido à repercussão e difusão dos conhecimentos produzidos, atualmente, transcorridos dois anos de intervenção, conta-se com dois grupos, devido o tempo disponibilizado para tal fim: quatro horas na tarde de domingo, sem qualquer permissão para ultrapassar o limiar das

dezoito horas. Existe uma lista de pessoas que querem participar, em razão dos resultados produzidos em termos de um processo de conscientização com efeitos predominantes na educação e orientação das crianças para a vida no sentido da construção da cidadania. Como efeito imediato e extremamente positivo, destacam-se as mudanças consideráveis realizadas pela organização dos moradores. Acreditamos que a convocação dessas pessoas da comunidade para agirem coletivamente no planejamento de ações que pode ser executadas por elas mesmas teve um grande impacto, visto que, conforme assinala Montoro (2012, p. 243) “a prática de mobilizar e dar significação ao fazer humano, é conseqüentemente sentido ao mundo, confere aos historiadores e documentaristas a tarefa de colocar narrativas em circulação com o objetivo de tornar a memória um fenômeno vivo e atual.”

A grande primeira medida consistiu no processo de acondicionamento do lixo que resultou em uma política de recolhimento para evitar possíveis doenças. Em segundo lugar, as estratégias educacionais de orientação e esclarecimento sobressaíram-se à prática de espancamento das crianças, devido à circulação das informações, também discutida nos encontros, cerca dos possíveis prejuízos decorrentes dessa prática. Enfim, devido à resposta positiva dada pela comunidade sobre o trabalho realizado, alguns participantes expressam a vontade de que o trabalho em pauta poderia ser realizado também em outras comunidades. Em termos de grandes transformações destaca-se a reflexão que focalizou a questão da diferença e do diferente em um processo de conscientização.

DIFERENÇA E DIFERENTES

O cotidiano compõe-se das mais sugestivas ilustrações do que denominamos de construções sociais, como a criança, o pobre, o estrangeiro, o selvagem, o favelado o bandido, o dependente de substâncias químicas entre outras. Tratando-se de produções coletivas, consideradas marginas à tessitura social, são objeto de preocupação e de grande incômodo, razão pela qual observa-se o desencadear de ações que visam apenas extinguir os efeitos deixando as causas intocadas. Não obstante, quase sempre, as políticas destinadas a essas figuras emergentes que insistem em se fazer presentes, lançando por terra os sonhos de harmonia e promovendo verdadeiras fraturas do tecido social, escamoteiam as condições que poderiam ser um passo na solução, delegando ao cidadão a tarefa e a responsabilidade de resolver questões de cunho governamental. Essas categorias são concebidas mediante a torpeza da visada científica sempre poderosa em fornecer explicações, por vezes, inquestionáveis. Sem sombra de dúvida, essas figuras, provavelmente, resistiriam muito bem a um cenário diferente daquele produzido pelas formas de poder que criam a necessidade de nomeação e ordenação: o selvagem e o educado; o honesto e o desonesto; o louco e o normal; o bandido e o cidadão de bem; o cidadão de bairros nobres e os moradores de

comunidades; o decente e o imoral; o civilizado e o bárbaro que, entre outras tantas dicotomias, servem-nos de guia para pensar as variações do Mesmo, como o próximo aceitável, e do Outro como o diferente recusável. Disso então depreendemos o eixo da temática abordada: em que circunstâncias podemos compreender o diferente sem tratá-lo como uma forma de multiplicidade? Dito em outras palavras: que formas de viver são aceitas como condizentes e às quais são negados os direitos de uma vida digna? Em suma, de onde surge a necessidade imperiosa de diferenciar, identificar o diferente, anular as diferenças e eliminar o diferente?

Questões espinhosas, se admitirmos estar diante de formas de sabedoria que contemplam, conhecem, ignoram, horrorizam-se e maravilham-se no contínuo exercício de caça e captura da identidade, em nome da promoção de condições alteritárias. São, sabemos, formas explícitas de fragmentar o dentro e o fora, de inventar e de descobrir e de homogeneizar e segregar que concorrem para a produção de pensadores, salvo raras exceções, adeptos da busca de critérios de delimitação no afã desesperado para separar o joio do trigo. Apegado as mais claras formas de determinação, colocam-se a serviço da reivindicação da identidade, em uma busca do Mesmo, por estarem ébrios da diferença como algo atormentador. Mas, pensar a identidade não se pode fazê-lo por outro caminho que o recurso ao diferente. Quer dizer, todo projeto de igualdade presume a produção de um resto a ser segregado como diferença inaceitável, reconhecida na antiga terminologia bíblica de “bode expiatório”. Disso entendemos que a diferença não pode ser situada em uma ordem alheia àquela regulada pelo princípio da identidade. Sendo assim, lutar pelo reconhecimento da diferença e ainda de diferenças específicas, pode significar um passo importante na construção dos esteios necessários ao exercício da cidadania e não o desertar da identidade como aquilo que não tem convivência pacífica com a diferença. Eis o grande obstáculo encravado no imaginário social que apagam os frágeis contornos das experiências passadas e esfumaça a visão em termos de uma perspectiva futura, seja pela exaltação dessas fraturas do social, seja no tocante ao fato de considerá-las inexistentes.

O engendrar configurado no social pela existência de diferentes, aparentemente, sem coexistência pacífica, parece revelar a geometria do exercício de poder com dissecações precisas e mirabolantes guiadoras de uma modalidade de olhar e de discurso expressa no corredor da cegueira e da surdez. A tão proclamada exaltação pela busca da figura do si mesmo individualizado parece ser uma ressonância dos mecanismos segregativos que fraturam o tecido social (CLANCLINI, 2009). Via de regra, nessa dinâmica, apagam-se os limites acerca da possibilidade de fazermos parte de um horizonte no qual nosso pertencimento decorra de um parentesco singular. Trata-se de um *topos*, objeto de aspiração máxima do homem na atualidade, onde deveriam ser nomeadas todas as coisas existentes e inexistentes, a ponto de se alcançar o momento em que o fosso entre o idêntico e o

diferente fosse completamente abolido, mesmo às custas do devorar de nossos sonhos para que pudéssemos nos afirmar idênticos em nosso ser.

Esses apontamentos nos levam ao domínio bastante problemático da experiência da subjetividade aplicada não mais ao Outro, qualquer que seja a categoria, mas ao si mesmo. Em suma, trata-se da experiência do si mesmo com o Outro, ou melhor, do idêntico a si frente ao diferente. Eis o grande desafio indicado por Foucault (1997) quando sugeriu ao homem a necessidade de que para viver seria preciso deixar de ser aquilo que é, como uma modalidade ética para o desprender-se de si mesmo. Árdua tarefa que requer a revisão, por cada um, do que seja a condição de alienação e submissão. O desafio do desprender-se de si mesmo somente pode orientar o sujeito ao confronto da íntima identidade no exercício da partilha dialógica, visando à construção dos modos de subjetivação, carreadas pelas transformações históricas, políticas e científicas. Assim, acreditamos, ser possível produzir maneiras de reduzir os densos contornos que afugentam o sujeito do conhecimento necessário ao exercício da cidadania. Devemos começar tentando reunir filigranas que nos apontem as especificidades culturais da identidade para analisar o diferente, o exótico e o bode expiatório produzidos em cada época. Isso serve de ilustração no deslindar das possibilidades de visibilidade, da pluralidade de formas de conhecimento, dos tipos de saberes praticados e das práticas adotadas como modalidades de identificação.

Munidos dessas idéias, mergulhamos em uma experiência de um universo edificado em raízes estruturais bem demarcadas no contexto social: a comunidade do Morro da Coroa na cidade do Rio de Janeiro, composta de descendentes afro-brasileiros, de nortistas e de nordestinos. Deparamo-nos com uma massa difusa com características ideológicas díspares. No entanto, diferencia-se um coletivo preocupado com as questões cotidianas, na esperança de construção de novas formas de viver, no sentido de opor-se as até então vigentes. Reivindicam por balizadores outros para a identidade que deem consistência à existência e não seja apenas um mero processo de reprodução. Por ter realizado uma investigação sobre criminalidade, participei do programa “Olhar 2002”, da Rede Brasil. Nessa ocasião, indagado sobre as possíveis soluções para a criminalidade, apresentei como alternativas a arte e a educação defendendo que esta última modalidade, em nosso país, é a mais viável, dado à forma de inscrição no imaginário social, de grande parte da população, do que seja a saída pela arte.

As vidas nessa comunidade em condições bastante precárias, quase sempre, só oferecem duas: ou jovens seguem o universos da criminalidade espelhada pelos bandidos com saída gloriosa de sucesso e fama ou são cooptados pelas facções para atuarem na venda e distribuição de drogas. Muitos poucos são aqueles que apostam na formação profissional pela escola. Então duas questões se evidenciavam: intervir em uma comunidade com estratégias que vão de encontro às aspirações e determinações daqueles que exercem, direta

ou indiretamente, o controle da localidade, para fins de seus negócios; e apresentar aos jovens e moradores uma proposta, menos sedutora comprável às ofertas do narcotráfico, em termos de realização imediata: a profissionalização. Diante de difícil posposta fascinante, fez-se necessário criar condições operativas de uma intervenção social construída na franja em que a psicologia e a educação, como práticas sociais teorizadas, podem traçar um diálogo salutar. Em princípio, estaríamos diante de uma psicologia ao avesso ou mesmo de uma modalidade singular de educação. Nessas circunstâncias, alguma intervenção deveria ser realizada frente a demanda, diante das possibilidades inerentes ao funcionamento de uma prática dessa natureza naquela comunidade. É preciso apostar em tal assertiva uma vez que adentrar em uma comunidade para realizar um trabalho tem suas consequências, tanto por ser uma novidade aos supostos “mandantes”, quanto por introduzir modalidades de pensar que podem ir de encontro àquilo que é esperado pelos mesmos. Nem precisa, a esse respeito, mencionar a advertência dessa mãe para não mencionar o teor de seu pedido, no sentido de desviar os jovens da comunidade do ingresso no narcotráfico. Em princípio, situamo-nos diante de uma grande contradição: essa mãe recorre, para um conjunto de sua comunidade, à possibilidade transformação pelo saber. É claro que sua demanda situa um ponto de relação com o saber, especialmente o saber fazer. Por outro lado, não se desconhece as regras de funcionamento dessas comunidades, onde geralmente existe um ser déspota, esse “macho viril, criação do discurso” (LACAN, 1992, p. 53), que não deseja absolutamente nenhuma mudança. Quer dizer, as coisas na comunidade devem permanecer como tais para não chamar atenção. Trilha sinuosa a ser seguida, mas que, com devidas precauções, pode-se vislumbrar alternativas de transformação e de produção subjetiva. A proposta de trabalho demandava uma espécie de curso esclarecedor sobre os cuidados a serem seguidos na educação das crianças, uma vez que, no imaginário da comunidade, existe a idéia de que para os adultos nada há de ser feito. Mas, sabíamos que esse estereótipo podia, mesmo com muita dificuldade, ser desfeito, principalmente, se aos adultos fosse dada visibilidade mediante ações desenvolvidas em parceria que envolvessem diálogos, pois cada participante da experiência “como um narrador seleciona e organiza experiências e eventos de forma que contribuam coletivamente o propósito da pretendida história.” (MISHLER, 2002, p. 106). Então deveríamos começar convocando os participantes no sentido de construir uma história da comunidade a partir das experiências pessoais. Em princípio, partiu-se do diagnóstico circunstancial em relação às possibilidades de realização ou não de terminadas tarefas, horários permitidos para as reuniões e estratégias de acesso à comunidade para, em seguida, elaborar um calendário de reuniões.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SABER

Uma vez aceito o desafio, teve início o trabalho de intervenção, inicialmente voltado para uma espécie de curso informativo acerca do desenvolvimento da criança e das condições a serem seguidas no processo de sua educação. Foi acordado então uma modalidade encontro semanal, às tardes de domingos, com mães preocupadas no destino de seus filhos. Estabeleceu-se o critério de que o número de participantes não poderia ser superior a trinta, bem como o tempo para os encontros em uma área destinada ao lazer, em um terreno, ainda sem construção, cujo proprietário encarrega um membro da comunidade a cuidá-lo para evitar invasões. Existem, nesse local, bancadas de alvenaria circundando o terreno amurado com piso de cimento. Adotou-se o recurso de registro, a cargo do responsável pela intervenção, em anotações para serem objeto de leitura, discussão e reflexão sempre no início de cada reunião. Com isso teve lugar a construção de uma memória escrita de um processo em que pessoas daquelas comunidades puderam retornar às suas produções. Muitas vezes, o fator surpresa ecoava de forma significativa quando um participante afirmava não ter falado tal coisa. Era um momento de tensão, porém bastante produtivo, em relação às discussões que tinham lugar. Nessas ocasiões, geralmente, havia a procura de um cúmplice, momento em que o participante em questão queria ter a certeza, perguntando a outro, se teria falado ou não aquilo que estava escrito. Em seguida, uma voluntária dispôs-se a fazer o registro, pois já estava terminado o supletivo relativo à conclusão do segundo grau.

Vale registrar que na quarta reunião foi relatado, no encontro, por um dos participantes a intenção do “mandante” de uma facção criminosa em conhecer o pesquisador, pois gostaria de saber o que acontecia, naquele lugar, aos domingos e motivo pelo qual estava sendo despertado o interesse de tantas pessoas. Além de mostrar-se interessado estava, possivelmente, preocupado com a repercussão dos resultados da pesquisa-intervenção, principalmente em relação àquilo que o pesquisador poderia difundir da comunidade. Diante de situação tão delicada, foi informado sobre a possibilidade de participação a todos os moradores da comunidade que estivessem interessados. Esse senhor não compareceu, alegando falta de tempo. Diante dessa situação, algumas mulheres perguntaram se podiam trazer seus maridos. Essa colocação revelou uma mudança: o pedido formulado originalmente foi circunscrito apenas às mães, em uma espécie de engano de que a educação e condução das crianças não fossem também do encargo dos pais. Daí então, face à procura, outro grupo foi formado tendo como participantes mães e pais. Um dos participantes aderiu à condição de voluntário e, por ser dono de uma filmadora, demonstrou seu interesse em colaborar no registro das reuniões em forma de imagens. Foi sugerido um rateio das fitas e, partir de então, as reuniões foram vídeogravadas. Com isso, introduziu-se uma outra variável no campo de intervenção: uma imagem técnica a partir de uma

aparelhagem e então teríamos mais um vetor interferindo na produção de subjetividade. Desse modo, a tecnologia foi responsável pela formação de padrões indentitários possibilitados, pela captura de cada um de si mesmo, a partir de sua imagem. Sendo assim, além das narrativas tínhamos também a experiência virtual com a imagem de cada um vista por si próprio e também pelos demais participantes. Desse empreendimento produziu-se um espaço de interlocução mediado pela imagem com os integrantes do grupo que dispuseram de mais um canal na construção da memória da comunidade. Essa foi a alternativa metodológica, a utilização de imagens técnicas na produção arranjos subjetivos, visando a produção saber para mudanças nos participantes sobre a maneira de ver-se e de conviver com aqueles que fazem parte de seu cotidiano. Eis uma estratégia relevante visto que, na opinião de Camerini e Souza (2002, p. 390) “ver e ser visto funciona como um dispositivo desencadeador de revelações, emoções e recordações por parte dos participantes, aflorando as subjetividades individuais e coletivas.” O que novo traz a imagem para o sujeito? Sem dúvida, a imagem técnica possibilita que uma pessoa possa captar-se de diferentes maneiras e assim construir uma consciência crítica acerca de si mesmo pelo encontro com sua imagem e também do outro com quem se relaciona através da imagem, além do contato real. Sendo assim, a imagem técnica é um caminho de produção de uma consciência alteritária que se traduz pela maneira como o sujeito se apresenta ao mundo e a si mesmo.

Nessa ocasião, cada grupo funcionava no espaço de tempo de duas horas. Surgiu então um impasse: o tempo era exíguo para a exibição da gravação e das discussões. Os participantes foram convocados a produzir uma solução: houve uma mudança na periodicidade de encontro que passou a ser quinzenal para que o trabalho de reflexão sobre o material videogravado tivesse lugar. Desse modo, construiu-se uma modalidade de olhar-escuta com a finalidade da produção de subjetividade, considerando o presente cotidiano atravessado pela dimensão do múltiplo e da efemeridade, condições que conferem à experiência, o caráter fragmentário e fugidio. Com isso, articula-se a função do encontro com a imagem técnica, seguido de reflexão como o vetor de grande importância na mediação da experiência produtora de saber e de transformação subjetiva. Os temas abordados nos encontros não sofreram grande alteração do momento em que o registro se fez pela escrita até a modalidade atual em imagens. Mas, no tocante à posição dos participantes, no momento em que se passou a operar o registro em imagens, houve uma mudança: tornou-se visível a preocupação com a aparência, com a vestimenta, com a maneira de falar diante do encontro do sujeito com sua imagem o que parecia traduzir-se em fonte de provisão narcísica. Esse procedimento propiciou a transformação de estilos de vida, principalmente na atenção ao imperativo que comanda o cenário do mundo atual onde se tem a palavra de ordem “consuma” como a apelo ao qual o homem não pode fugir. Teve-se o cuidado de não cair no ciclo vicioso do consumo que proclama a aparência, pois o homem vive atualmente

voltado para si próprio, de certo modo “sem se preocupar com as tradições e nem com a posterioridade”. (LIPOVETSKY, 2005, p. 49). As mulheres revelaram que precisavam se produzir mais para aparecerem na televisão, pois era assim que tomavam ciência de si. Esse modo de expressão de uma vontade parece sugestivo de que há uma tentativa, mesmo que de forma lúdica, de não cair no estado de indiferença pura. Além dessa curiosa questão, a temática que atravessava e continuou atravessando os encontros, era e continua sendo, a preocupação de quais meios estariam ao alcance da comunidade no sentido de produzir anteparos para a proteção de uma espécie de guerra. Esta se configurava como uma guerra de classes, mas que, no presente se mostra como a guerra de todos contra todos, seja pelas rígidas burocracias, pela proliferação de imagens que ditam procedimentos de correção, pelas ideologias terapêuticas amplamente difundidas, pelo culto ao consumo como agente de garantia de vida subjetiva, pelas transformações na família, pela inversão de valores, pelas modalidades de educação permissiva acompanhada de relações humanas cada vez mais bárbaras e conflitantes e, enfim, pela banalização do sofrimento e da dor. Os relatos produzidos eram repletos de indicações de busca de imperativos de sucesso, que se não forem atingidos, são tomados como fortes críticas a quem apresenta tais aspirações. Tudo sugere o desaparecimento de esperanças em uma capacidade de apatia, revelando uma espécie de um embotamento sobre o que é possível fazer. Nesse esteira foi formulado o pedido em uma esperança de que o saber científico pudesse servir na terceirização da educação, tema bastante discutido, pois emergia frequentemente na roupagem da pergunta: o que os pais podem fazer para dar uma boa educação aos filhos?

IMAGENS E PRODUÇÃO DE MEMÓRIA:

HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES

A introdução da imagem técnica propiciou uma mudança: das preocupações sobre a educação das crianças, saneamento, saúde, habitação, prostituição, narcotráfico, dependência química e gravidez na adolescência, passou-se a dar destaque a questões concernentes ao sujeito, momento em que se refletiu sobre a temática do compromisso e da responsabilidade. Além de a necessidade de cada um tornar público, as particularidades da vida, para seguir o roteiro ditado nos dias atuais, ressaltou-se o chamado a construir um *modus vivendi* de acordo com a singularidade em uma experiência partilhada.

O homem de nossos dias, totalmente ligado aos conteúdos transmitidos pelos diversos meios de comunicação é testemunha de uma grande transformação: se outrora a ficção imagística era utilizada como meio de entretenimento, nos dias atuais, a vida real é transformada em imagens bem produzida em uma estética que nem sempre visa à diversão. De certo modo, podemos admitir que, estar em imagens significa uma possibilidade de vida,

de modo que as nuances da vida subjetiva são consideradas como objetos valiosos para produzirem altos índices de audiência na mídia (CASTRO, 1998). Acreditamos que a produção de imagem, nos encontros, não seguiu um caminho diferente a não ser como instrumento para a reflexão e tomada de posições que podem ocorrer mediante a confrontação do sujeito com sua imagem, não somente constitutiva, mas reparadora. Há de se ressaltar o valor simbólico para os participantes pelo fato de terem suas falas conservadas em escrita e em imagens: a imagem devolve o reconhecimento da existência para o sujeito e serve para retratar a sua presença no mundo, frente àqueles que testemunham o seu percurso de vida. Trata-se assim de um recorte de vida revelador de singularidade, sendo o recurso à imagem de extremo valor na constituição da vida subjetiva. Além de ser fonte de provisões amorosas, a imagem é também um suporte que amortece o estado de desamparo. Daí então se poder afirmar que o homem da atualidade precisa de imagem como precisa de alimento, de ar, de companhia e até mesmo da imagem construída pelo saber científico, conforme formulado pela mãe da comunidade em estudo, que solicitou a intervenção, mesmo por que “a compreensão que o sujeito tem de si se constitui através do olhar e da palavra do outro.” (CAMERINI; SOUZA, 2002, p. 394).

A título de ilustração, vale referir ao comentário de um participante que, de forma bastante elucidativa, afirmou: “eu acho demais essa presença aí. É mais do que a minha: parece que estou vendo tudo”. O conceito bakhtiniano de exotopia (BAKHTIN, 2000) foi o eixo matricial para se proceder a intervenção sustentada pela dinâmica da visão do sujeito: sobre si mesmo, o olhar do outro, o olhar do outro expresso em palavras e a expectativa do sujeito acerca do que é captado no olho do outro. Houve também o olhar crítico do pesquisador (AMORIN, 2001) mediante sua inserção no campo em estudo que, atento ao diálogo dos participantes, ocupou-se em apontar possibilidades de produção de subjetividade em função do ato de convocar o sujeito a confrontar-se com sua imagem, de modo a construir uma produção dialógica de saber acerca de sua singularidade no coletivo. Assim, o campo de trabalho opera-se dando relevo a alteridade pela construção do espaço de voz aos participantes, momento em que tomam ciência de sua posição subjetiva frente ao andamento da comunidade em questão, seja no que concerne à demanda de necessidades, seja na produção de alternativas para os impasses detectados. Desse modo, garantiu-se a visibilidade, a cada um, instaurada em um sistema de trocas, em uma espécie de experiência crítica sobre os pactos necessários ao viver em comunidade. Com isso, pôde-se retratar a história pessoal, face aos limites necessários ao projeto próprio da comunidade em encontrar soluções para questões como: prostituição infantil, prostituição, engajamento de menores no narcotráfico, dependência química, educação, condições higiênicas e de saúde. A expressão dessa temática revela a expectativa por uma vida digna tanto pela assunção, por cada um, de

sua responsabilidade, quanto da atenção das instâncias governamentais e de outras interessadas na promoção do bem estar social.

As experiências que tiveram lugar no transcorrer dos dois últimos anos constam que a imagem técnica, como meio de produção de saber, pode ser o indício para o sujeito em encontrar alternativas viáveis, para os impasses da vida, mas de um outro lugar, uma vez que toma ciência de sua condição de ser no mundo, também ante a possibilidade que, mediante a imagem, foi possível um tipo de interlocução para, de forma coletiva, discutir questões do cotidiano da comunidade, separando o que seria da iniciativa de cada um daquilo que concerne à alçada das autoridades governamentais. Isso resultou da intervenção da filmadora, produzindo imagens, mas sobretudo, como forma de intervenção no contexto das práticas sociais, no sentido de ser propiciadora e desencadeadora de processos de trocas interpessoais que são o resultado de construções e de negociações grupais. Não só ficou evidenciado, nesse tipo de olhar escuta, que o sujeito tem condições de interferir no andamento de suas condições de vida, pelo questionamento dos modelos disponíveis, como também houve a ciência do império das imagens, em uma atualidade em que o solgan “imagem é tudo” assume a dianteira no momento da tomada de decisões. Embora saibamos que o sujeito é capturado pela imagem, seja a técnica ou a que advém do discurso do outro, não descartamos o seu grande poder de transformação. Desse modo, o homem, nos dias atuais, não tem mais como viver no anonimato: por várias vias é constantemente convocado a ver e a ser visto. A imagem conclama a ação de ver na esperança promissora do sujeito de um dia ser visto. A imagem mostra a realidade (SOUZA, 2002) nua e crua que, de tão bem contornada, parece confundir o espectador se está diante da produção artística de fatos de relatos vivos da tragédia humana. Mas acreditamos que dessa forma pode haver o enfrentamento aos aspectos da realidade e, uma vez, conhecidos, pode-se pensar em mudá-los. A transmissão de saber é importante pois abre caminho para disponibilizar, ao sujeito, alternativas de mudanças. A esse respeito duas situações dessa comunidade são bem interessantes. As mães tinham o hábito de combater os piolhos de seus filhos de forma manual. Em um encontro foi levantada a possibilidade do uso de produtos químicos, o que foi prontamente adotado, mas, com um agravante: havia uma senhora que cobrava pelos serviços de limpeza das cabeças das crianças e assim ficaria sem uma fonte de renda. Outra circunstância foi a de uma jovem mãe que expressava sua dificuldade em orientar a filha quando a mesma estivesse “naqueles dias”. Houve um interesse dos participantes em sugerir a essa mãe que indicasse para a filha o uso de absorventes. Houve um silêncio prolongado dessa mãe que, depois de relutar muito, afirmou que, por não ter dinheiro para comprar absorventes, valia-se de pedaços de panos feitos de camisetas que são distribuídas promocionalmente em campanhas eleitorais.

APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO

Cabe tecer considerações, não de forma conclusiva e sim reflexiva, acerca de uma intervenção dessa natureza. O encontro do pesquisador, com um dado objeto de investigação, tem consequências marcantes para ambos. Primeiro, pelo fato de que a entrada do investigador em campo é claramente uma possibilidade de intervenção na medida em que transformações têm lugar em razão de seu ingresso. Além disso, o próprio objeto modifica-se devido ao processo de conscientização decorrente da produção coletiva. Disso então, a participação em uma empreitada dessa natureza é sempre um veio de indagações constantes acerca das questões que atravessam o social. Sendo assim, muito mais que pensar em conclusões, faz-se mister sugerir aspectos que possam inquietar pensadores a se engajarem da discussão de complexa temática: a educação como alternativa possível a ser oferecida ao sujeito capaz de fazê-lo declinar de sua vontade para o crime, para a prostituição e para outras modalidades de ações que não representem legados sociais a serem transmitidos em termos de socialização. Eis uma fonte de esperança! Não obstante há uma singularidade nessa pesquisa-intervenção. Em princípio, houve um pacto de co-participação no sentido da construção e do uso dos espaços destinados a voz de cada participante, aliado a uma escuta atenta para apontar singularidade de modo a discerni-las do individualismo exacerbado que, muitas vezes, aparece com a roupagem enganosa de recurso a ser adotado como a postura do sujeito para a construção de modalidades de subjetivação. Cabe destacar que a metodologia de ação foi construída em processo, mediante a explicitação das demandas dos participantes. Quer dizer, à medida que a densidade da questão em tela teve lugar pela enunciação dos agentes-autores, oriundos de realidades diversas, foram desfeitas fronteiras de modo a surgir um diálogo que considerasse a diferença e o diferente como condições necessárias ao diálogo de forma a evidenciar nuances de alteridade. É claro que a entrada em campo ocorreu com o acompanhar de uma intencionalidade, mas sem o aprisionamento a um método padrão. O eixo norteador foi a dimensão do olhar-escuta como meio de intervenção pela transmissão de saber, visando à construção de uma memória. Todo o processo de produção subjetiva consistiu em convocar a comunidade a produzir saber, na mediação pela escrita e na utilização do recurso relativo à imagem técnica, para que, em uma espécie de acontecer coletivo, houvesse transformações subjetivas a serem testemunhadas a multiplicadas aos demais (CAMERINI, 2002). Houve muitos desafios a serem enfrentados: a) os participantes teriam de se posicionar frente a determinadas questões que faziam eco às ordens recebidas para não trazer a público aquilo que era vetado pelo “mandante”. Em uma ocasião em que o tema em discussão era a reprovação, uma mãe disse a outra “seu filho foi reprovado, por que não frequenta as aulas”, tendo como resposta “você sabe por quê”. Seguiu-se um longo silêncio e uma senhora revelou que as crianças, às vezes, têm de prestar serviços ao narcotráfico soltando pipas e,

assim, naquele dia não vão à escola. Ficou patente que quem decide a ida das crianças à escola é o mandante da facção criminosa que vive na comunidade e, b) a presença da filmadora produziu um tipo de constrangimento: as pessoas falavam baixo e sempre recusavam usar o microfone. Por outro lado, a ampliação da voz parece ter sido um fator relevante no sentido de que cada um tinha a certeza de ser escutado além de ser visto.

Apesar da produção da imagem técnica ter inicialmente causado certa inibição, esta foi relativa, não tendo culminado em uma paralisação, quando em um dado momento o foco do projeto coletivo consistiu na alternativa de construção do registro de um conjunto de fatos memoráveis acerca da trajetória de vida. Disso, constata-se atualmente a colaboração espontânea de alguns participantes em encorajar os outros para tomarem decisões ante questões delicadas próprias daquela comunidade. Assim, procedeu-se a uma desconstrução sistemática, de valores perdidos no esfumaçar próprio da falta de informações, pela modalidade de relacionamento que passou a funcionar em pessoas da comunidade que não se conheciam e pela possibilidade garantia, a cada um, de um espaço de voz e de ser ouvido.

O campo ético foi erigido no sentido de oferecer a cada participante, devidamente implicado, nas questões discutidas, a possibilidade de se ver como agente construtor de um projeto coletivo, mas também de se deixar ver e conviver com as críticas que uma modalidade de relação, como essa, é capaz de suscitar. A tônica em pauta foi a de convocar os participantes a serem os agentes formadores de opinião acerca das ocorrências do cotidiano em uma comunidade que, na atualidade, guarda pouca distância da vida que tem lugar nos faustos bairros da classe média alta, pelo menos, no sentido daquilo que chega em imagens. A experiência compartilhada em encontros, não só foi a mola propulsora da construção da história que revelou, a cada um, em ínfimas filigranas, as dificuldades da vida em condições de pressa, fragmentação e falta de referências. Para tanto, fez-se necessário um movimento de propulsão para afastar toda e qualquer nostalgia de um reviver, pois a expectativa era de reconstituir momentos memoráveis, sem abrir mão da singularidade, nem o aprisionamento às experiências do passado, mesmo considerando a importância das mesmas. É nesse sentido que acreditamos ter colocado o sujeito em uma balança: ora a experiência com a imagem fazia-o retomar um passado; ora captava-se em outra dimensão sendo o espectador de si mesmo.

Sendo assim, face às transformações subjetivas, o sujeito constrói conhecimento acerca de si e o do mundo a sua volta. Provavelmente, foi fornecido, nesse processo, aos participantes condições para realizar acabamentos provisórios, no sentido de conferir, pela transmissão de saber, um espaço próprio para analisar, de forma aprofundada, determinadas questões tanto na esfera individual quanto na coletiva. Disso resultou a possibilidade de enunciar intenções de forma clara, tanto pela construção de novos sentidos quanto pela provisão narcísica que a imagem pôde propiciar. Acredita-se também que a imagem técnica

quando transformada, em objeto de reflexão, opera no sentido de impulsionar trocas verbais de fundamental importância na constituição de modos subjetivos, em uma dada comunidade, não somente no que concerne à formação de valores, como também pela possibilidade do confronto de valores solidificados com modalidades que circulam no contexto social. Sendo assim, a intervenção mediada pela imagem forneceu aos participantes uma abertura para se pensar uma concepção de mundo construída, em um projeto coletivo, que tem o comércio de palavras como o principal eixo, tanto partindo das expressões oriundas da ideologia do cotidiano, no sentido de questioná-las, quanto na fomentação de sistemas ideológicos construídos. De um modo ou de outro, envereda-se por uma trilha que propicia um processo de conscientização, tendo em vista que, a construção alteritária (SARLO, 1998) decorrente do intercâmbio de ideias pelos participantes, revela-se ser uma grande conquista, vertida na delimitação da responsabilidade dos papéis a serem assumidos e na advertência quanto aos limites próprios da condição de vida.

Mediante o que foi possível depreender do funcionamento coletivo, constatamos que as preocupações com temas voltados para a cidadania, a carência, os cuidados preventivos e profiláticos em relação ao consumo e tráfico de drogas, o papel dos pais na educação das crianças e a prostituição infantil foram alvo de discussões profícuas, resultando na produção de informações, inicialmente, dispersas, mas que aos poucos confluíram para uma modalidade de saber compartilhado, produzido consensualmente. Ainda, no âmbito da relação dialógica alteritária, caracterizada pelo confronto de opiniões e por mecanismos de identificação, houve a construção de um espaço propício para a dinâmica em termos de trocas, desta feita, vertidas em condições de reestruturação de situações cotidianas da vida, de modo a ser produzida uma nuance de subjetividade crítica e criativa, sempre tendo em vista os limites do viver na própria comunidade.

Cabe, por fim, fazer uma ressalva: se a mídia ocupa-se atualmente em revelar cenas de desmoronamento e de destruição, parecendo indicar uma modalidade de posição subjetiva sem esperanças, por outro lado, a experiência do coletivo com a imagem técnica, nessa comunidade, quando solicitada a refletir sobre o espetáculo produzido, contribuiu, de forma significativa, na dinâmica dos processos perceptivos, dos laços identificatórios, na flexibilização dos sistemas de trocas de informação e na possibilidade de tolerância à diferença e ao diferente. Constatou-se, com o desenrolar do processo de intervenção, o surgimento de uma atitude interpretativa de cunho criativo, pela circulação do saber produzido como uma forma reveladora de transformações subjetivas. Com isso, alcançou-se no coletivo, pelo exercício da reflexão, a elaboração sobre determinadas nuances do contexto social, bem como o entendimento da diferença entre políticas de cunho meramente assistencialistas e aquelas que respeitam as singularidades, no intuito de garantir ao sujeito a produção de meios para exercer a cidadania, em uma espécie de atitude

cooperativa. Desse modo, a construção de saber, aliada ao processo de produção de subjetividades, constituiu-se em um vetor para a formulação de projetos coletivos, resultantes de uma ação pautada na vontade transformadora. Acrescente-se a isso que a utilização do recurso imagético revelou ser uma espécie de espelho mágico, em que cada participante, ao se captar, é imediatamente afetado podendo, a partir de então, escolher transformar-se. Sem dúvida, os participantes esperavam do processo de intervenção a “doação” de um saber para ser utilizado, de forma prática, no atendimento às necessidades. Mas outros horizontes foram se construindo no sentido da manutenção de cada um naquele tipo de atividade. Além da possibilidade da construção de uma história a partir de um projeto coletivo, a experiência demonstrou ser encontrado um tipo de suporte para o atenuado abandono próprio dos dias atuais. Eis o veio de transformação subjetiva, que teve como pórtico de entrada, a demanda de saber para a satisfação de necessidades, mas que se edificou nas condições em que o sujeito era convocado a falar de si para assumir, com dignidade, a sua condição de cidadão. Sendo assim, primou-se pela iniciativa de reflexão para a construção de saber pelos meios disponíveis no sentido de realizar uma espécie de escrita-documento acerca da existência. De resto, as iniciativas sobre os modos de educação das crianças, o combate ao consumo e ao tráfico de drogas, a prostituição infantil e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, devem comprometer o sujeito a implicar-se no processo de produção da arma mais poderosa: o saber. Somente assim, as vozes desesperadas de mães, moradoras em comunidades, preocupadas com o destino de seus filhos tem de ser ouvidas como um apelo indicador de uma experiência vivida. Sem dúvida, essas vozes ecoam a esperança de que projetos políticos direcionem uma modalidade de olhar para o tipo de vida de pessoas que habitam uma comunidade, não apenas por uma mera escolha. A esperança é a aposta de ver promessas verter-se em ações eficazes. Disso então, conclui-se que é de fundamental importância a escuta dessas vozes, mas de maneira compartilhada, sem perder a compreensão de que não se deve deixá-las cair no vácuo das trevas! Eis o sentido que perseguimos: encontrar um terreno para tratar o diferente sem toda a vestimenta dos estigmas e preconceitos produzidos pela rede de relações sociais, pois acreditamos que tais concepções segregacionistas são produto de uma história, ou seja, de uma determinada forma de ação nos mecanismos de ordenação das relações entre os homens (FARIAS, 2009). É preciso minimizar os elos da forte corrente que aprisiona o sujeito que vive em condições específicas, em um crivo de exclusão e de anormalidade, eliminando assim as ricas possibilidades de transformação de seu universo subjetivo. Ainda mais, faz-se mister a produção de um movimento a partir do princípio da diversidade de olhares e de saberes para, desse modo, ser rompida a lógica das hierarquias e da padronização que ataca a pluralidade. Assim, chegamos a argumento que norteou essa intervenção: o dialogo salutar entre o campo da prática educativa e o da prática psicológica, encontro que possibilitou a

construção de modos de subjetivação pautados do esfacelar das dicotomias separatistas, para inscrever o sujeito em uma rede de relações sócio-históricas que se vale da dialética entre os termos dessas dicotomias e não da polarização em um extremo ou noutro. Desse modo, viabilizou-se uma modalidade de intervenção que opera com a diferença, com o diferente e com o estranho, sem considerá-los, em princípio, condenados pela exclusão a que estão submetidos, pois o homem é essencialmente um ser social, determinado pelo meio social de seu entorno imediato, que se apropria da história para se produzir e construir a memória a da humanidade. Nesse processo de convergência do plano social com o histórico ocorrem as produções de subjetividade, mediada pela memória. Assim podemos fundamentar um projeto social tendo como foco as transformações do sujeito através de condições participativas de cooperação e responsabilidade mútuas.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- CAMERINI, M. F. A. **A produção de saber mediada pelo uso do vídeo com classes populares urbanas: pela reconstrução da dignidade humana em uma experiência de pastoral**. Rio de Janeiro: PUC, 2002.
- CAMERINI, M. F. A.; SOUZA, S. J. Interatividade audiovisual e produção de subjetividade. In: LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. B. (orgs.). **Identities**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTRO, L. R. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: ANTOUN, H. (org.) **Web 2.0**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- FARIAS, F. R. Monotonia e diversidade, In: BARROS, R. M. M. (Org.). **Subjetividade e educação**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- _____. **Apontamentos em memória social**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
- FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JEUDY, H-P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

LACAN, J. **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LIPOVETSKY, **A era do vazio**. Lisboa: Manole, 2005.

MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. B. (orgs.). **Identities**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MONTORO, T. Memórias afetivas e pertencimento no documentário contemporâneo. In: GAWRSZEWSKI, A. (org.). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: UFF, 2012.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1998.

SOUBEYROUX, J. **Conférence inaugurale: images et mémoire**. Lyon: Grmh, 2003.

SOUZA, S. O olho e a câmara: desafios para a educação na época da interatividade virtual. **Advir**, [s. l.], n.15, 2002.